



Nelson Trindade

Edição SocioSistemas
www.sociosistemas.com



1



Educar: Bater por amor?

A agressão não faz parte da amizade nem do amor!

Um indivíduo vai com um cachorro à praia.

Nesse mundo cheio de cheiros novos, o cachorrinho corre, afasta-se, cheira, bisbilhota, corre de novo, afasta-se de novo...

O dono chama, torna a chamar, grita, torna a gritar... em vários tons... e o cão continua na sua exploração.

Finalmente regressa e o dono decide educá-lo batendo-lhe para ele aprender a não fugir e regressar quando ele chama.

O cão aprende, mas não o que o dono espera:

- *Não devo vir para o pé dele porque me faz sofrer*
- *e quando me chama é para me bater.*

Mas funciona! ... Porquê?

Os pais vão com um filho de 2 anos à praia.

Nesse mundo de areia agradável e água atractiva a criança resolve brincar dentro de água.

Os pais, com medo que se afogue, resolvem educá-lo e zangam-se com ele, talvez com gritos, talvez com uma palmada educativa.

A criança aprende:

- *Se entro dentro de água os meus pais zangam-se e eu sofro.*
- *Se eles não virem, não se zangam, portanto posso ir brincar para lá.*

Os pais afastam-se um pouco e a criança vai brincar para as ondas. Os pais tornam a educá-lo, e a criança aprende:

- *Tenho que esperar que eles estejam mais longe.*

A criança é inteligente e lógica mas os pais concluem que é estúpido... porque não aprende o que lhe ensinam.

Mas funciona! Porquê?

Analisemos, em pormenor, cada um dos casos.

No 1º caso,

o cão aprende depressa que "aquele indivíduo é um PERIGO sério" e, de forma instintiva, adopta uma das possíveis defesas perante o perigo (que, a par de outras, todos os animais possuem) que é "ficar quieto". Assim, quando se começa a afastar e o dono grita, ele põe-se QUIETO:

- o dono fica contente e pensa: *aprendeu a não se afastar;*
- o cão fica contente e pensa: *escondi-me e o perigo passou.*

Neste par comunicativo "inteligência-estupidez" o resultado convém aos dois.

2

Quando o cão está longe e o dono chama, ele deixa tudo e aproxima-se do dono. Com tanto ensino que sofreu a levar pancada quando regressa, deixou de ser um animal feliz e aprendeu a ser um animal masoquista e acomodaticio, pois a transformação educativa foi:

- *Lá vou levar pancada... que bom!*

OBS: Um cão feliz, ao aproximar-se do dono, abana a cauda.
Nos casos acima, ou traz a cauda tensa e quieta (perigo) ou, em situações mais graves, traz a cauda entre as pernas (medo, terror).

No 2º caso,

a criança (que é sempre inteligente) não recebe os dados correctos para pensar pois recebe duas informações justapostas: não ir para dentro de água e os "pais zangarem-se" se ele o faz.

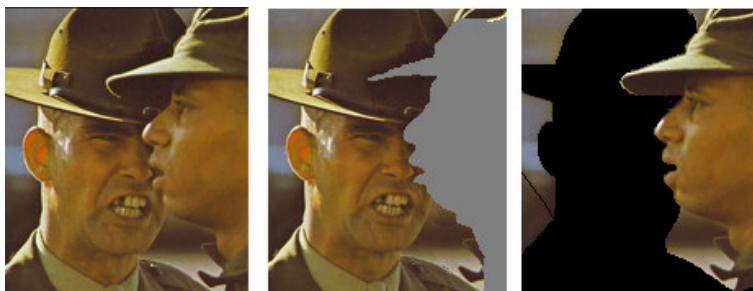
A intenção educativa é criar na criança uma espécie de reflexo enxertado (vide Pavlov) de modo que, juntando as duas informações, se provoque a decisão de "não ir para dentro de água", porque a 2ª (zanga) vai arrastar a 1ª, como um mero apêndice sem significado próprio. Mais tarde em adulto dirá: "Não sei o que quer dizer, mas obedeço" ou "Não concordo, mas obedeço". Esta última posição é muitas vezes dita publicamente (TV) como uma posição digna, moral e eticamente de grande valor (vide rescaldo-actas do Julgamento de Nuremberga)

Simplesmente, nesta fase *ainda* primária do educar, a criança *ainda* tem autonomia (*ainda* não está castrada) para poder construir outra decisão (lateral à pretendida), por ex. "se os pais já não estiverem a ver, não há perigo de eles se zangarem, logo posso ir para dentro de água".

Quando está bem-educada, esta autonomia de "fuga lateral" já não existe, apenas cumpre. Nesta fase final, não percebe o que se passa, não está interessado em saber, desiste de perceber, apenas obedece ao "chefe" (ou quem o substitui), esteja ele presente ou não.

Este método educativo (se intensa e extensivamente aplicado) obtém os resultados pretendidos exactamente por enfraquecer a capacidade de tomar decisões, reduzindo a compreensão da situação e aumentando a dependência de um "poder decisório" externo. Ele é o motor de qualquer processo autoritário.

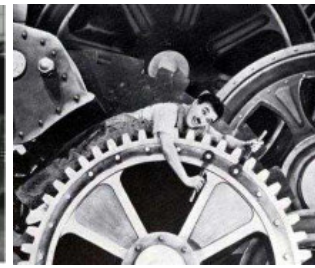
A semente de "zombies sociais" é criada e este resultado será mais tarde intensificado e utilizado em várias situações:



YES, SIR !



Charlot e "Zombies sociais" em Tempos Modernos"



a aceitação implícita e inconsciente dos "zombies sociais" leva muitos pais a confessar:

***Não concordo com bater,
mas uma palmada no momento preciso
dá resultado e funciona bem.***

Mas o bater dá resultado em quê? Funciona bem para quê?

Se analisarmos este problema, o seu foco é alterar um comportamento considerado negativo ou desviante. Aprofundando:

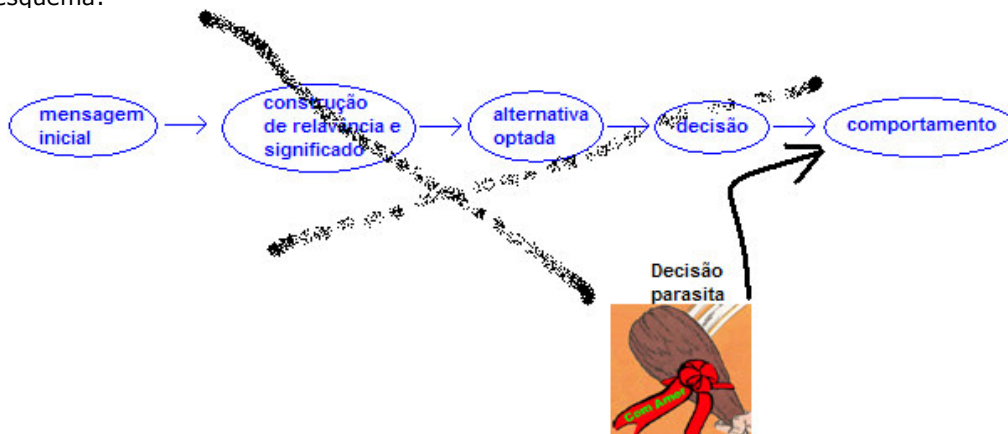
1. Qualquer comportamento é sempre a expressão de uma decisão
2. Qualquer decisão é sempre uma opção por uma alternativa (eventualmente entre várias) feita a partir do significado construído sobre as informações recebidas e consideradas relevantes pelo observador.
3. Este processo de construção de relevância e significado é sempre um processo subjectivo que implica todo o indivíduo (o seu passado, o seu presente e os seus sonhos para o futuro) (vide Freud, Yung e Ericsson, entre outros).
4. O início deste processo e que vai detonar todo o funcionamento é a mensagem inicial a que o comportamento vai responder.

Em esquema:



O "bater" é uma informação adicional que não tem entrada neste fluir, mas apenas o vai curto-circuitar e fazer nascer um comportamento "estranho", parasita em relação ao fluir natural do indivíduo.

Em esquema:



No caso da criança, a solução mais correcta e consentânea com os valores contemporâneos seria aproveitar o problema da praia para potenciar a sua capacidade de tomar decisões, mediante o aumento de lucidez sobre a situação.

Assim, devem ser fornecidas 2 informações:


- “não ir para dentro de água” e o
- “eventual perigo que pode resultar”,

deixando a “zanga dos pais” fora da equação.
Em esquema:

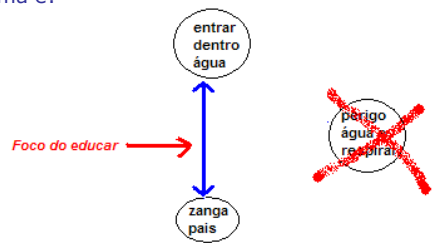
Existem 3 variáveis:

- entrar dentro de água
- perigo daí resultante
- zanga/controlo dos pais

que se relacionam entre si:




No método da “zanga”, o esquema é:



numa luta de poder entre a autoridade e a obediência, entre a imposição e a aceitação, com o argumento muito célebre de “porque é...”, ou mais ditatorial de “porque eu quero...”, em qualquer dos casos sempre humilhante.

No método da “lucidez”, o esquema é:



com eventuais conversas interessantes sobre o que acontece quando a boca/nariz estão dentro de água e se tenta respirar, pensar sobre o que é um tubo de respirar dentro de água, o que sentem/pensam com os pés dentro de água, ou os joelhos, ou a barriga, etc., e escolherem até onde querem/podem ir, se é “melhor” (confortável, seguro, agradável, etc.) em água calma ou com ondas, o que pode fazer se cai, etc., são sempre conversas deliciosas porque inteligentes, comunicativas e, às vezes, com perguntas simples de respostas complicadas.*

* - Se os peixes respiram com guelras, porque é que os Hospitais não nos põem guelras para irmos para a praia ?

(Esta pergunta significa que já aprendeu o perigo do afogar, sem ser preciso trazer a zanga dos pais para a conversa)

Dá gosto ver uma criança de 2, 3 anos a pensar, a gostar, a aprender e a construir as suas decisões e a analisá-las. Noutras palavras, dá gosto ver a alegria da conquista de autonomia... e prazer que daí resulta.

Como conclusão final:

"Órgão que deixa de funcionar... atrofia"

